

*COVID-19 E OS IMPACTOS
DO DISTANCIAMENTO FÍSICO:
OS MEDOS E OUTROS SENTIMENTOS
NAS PALAVRAS DE IDOSOS*

Ruth Gelehrter da Costa Lopes¹

Beltrina Côrte²

Vera Brandão³

Maria Elisa Gonzalez Manso⁴

Flavio Morgado⁵

Flamínia M.M. Lodovici⁶

1 Graduada em Psicologia, PUC-SP. Doutora em Saúde Pública, USP. Professora no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: ruthgclopes@gmail.com.

2 Graduada em Jornalismo. Pós-Doutorado em Ciências da Comunicação, USP. Docente da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: beltrina@pucsp.br.

3 Pós-Doutorado em Gerontologia, com concentração em Gerontologia Social, PUC-SP. Editora da Revista Longeiver [online]. E-mail: veratoridinobrandao@hotmail.com.

4 Graduada em Medicina e Bacharel em Direito. Pós-Doutora em Gerontologia, com concentração em Gerontologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Doutora em Ciências Sociais, PUC-SP. Professora Titular do Curso de Medicina do Centro Universitário São Camilo, professora convidada da Cogear/PUC-SP e do Espaço Longeiver. E-mail: mansomeg@hotmail.com.

5 Bacharel em Matemática pela Fundação Santo André. Doutor em Comunicação e Semiótica (2008), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor e pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: fmorgado.sp@gmail.com.

6 Linguista. Doutorado (EL/Unicamp). Filhada à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, FACHS, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e à Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (FAFICLA), Departamento de Ciências da Linguagem. Editora da Revista Kairós-Gerontologia. Faz parte da Rede Iberoamericana de Psicogerontologia (REDIP). E-mail: flodovici@pucsp.br.

resumo

Objetivo: discutir os aspectos psicossociais apresentados pelos idosos durante a pandemia da Covid-19, no período relativo à coleta de dados, realizada de maio a junho de 2020, com foco na questão do medo enquanto sentimento, experiências, articulações, ressonâncias. Apesar do início esperançoso de 2021 e o rápido desenvolvimento de vacinas, surgiram, a seguir, novas variantes do vírus com maior capacidade/velocidade de transmissão, casos de reinfecção e aumento acelerado de infecções e mortes. Método: foi realizada pesquisa de natureza transversal com amostra não probabilística, por conveniência, que teve como informantes, aqui no Brasil, idosos pertencentes à rede de contato das entidades vinculadas ao Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento da PUC-SP/Brasil, o NEPE; idosos com 65+ anos, respondendo a 417 questionários. Resultados e discussão: a perspectiva psicogerontológica aqui assumida propôs uma reflexão sobre os aspectos psicológicos do envelhecimento, considerando: as novas organizações subjetivas de um ser que envelhece; as principais patologias que afetam sua saúde; a imagem social do idoso; a cultura que a determina e as leis que regulamentam sua atuação e protegem ou atacam seus direitos de cidadania — um amplo leque de fatores bio-sócio-psico-políticos e culturais que contribuem para a construção histórica da subjetividade daquele ser envelhescente. Um diferencial desta pesquisa foi o nível de escolaridade da amostra: 86,1% com grau superior completo ou mais; 13,4%, superior incompleto; 86%, classe média; 11%, alta, indicando os benefícios do conforto material, escolaridade e acesso a recursos tecnológicos, evidenciados nesta grave crise sócio sanitária, em que os sentimentos de medo e correlatos configuram-se como formadores de um “estar humano” ante o desconhecido. Conclusões: anteviu-se, no caso de idosos mais fragilizados em saúde, sem vínculos, ou em insuficientes condições materiais, que a recuperação da Covid-19 será mais lenta, acarretando-lhes mais severos danos psicossociais, o que passa a exigir novas investigações.

palavras-chave

Aspectos Psicossociais. Medo e Correlatos. Pandemia.

1 Introdução

O ano de 2020 evidenciou um elevado número de pesquisas, quando, além das fundamentais na área da saúde, outras, em diferentes áreas do saber, investigaram, quantitativa e qualitativamente, o impacto da pandemia pela Covid-19 na população. Destacaram-se, nesse universo, aquelas com foco no grupo que, desde o início, surgiu como o de maior risco — os idosos, o mais atingido, de fato, pela forma grave da infecção que, até 12 de janeiro de 2021, atestava 207.713 mortes (74.2%) na faixa de 60+ anos; destes, 70% com pelo menos uma comorbidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Os idosos foram ditos como os mais vulneráveis, em função da fragilidade biológica acarretada por uma ou outras doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), que poderiam tê-los afetado, o que aumentaria a gravidade da infecção pelo coronavírus e correlatos. As DCNTs, afecções de longa duração que, via de regra, evoluem lentamente durante a vida de uma pessoa, algumas silenciosas: a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), o Diabetes Mellitus (DM), a Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), as renais, as cardiovasculares, o câncer, a demência (MANSO; GÓES; CONCONE, 2019), são responsáveis por 63% de todas as mortes no mundo, tendo sido a principal causa de mortalidade, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), antes da chegada da pandemia da Covid-19.

Houve, então, a necessidade imperiosa de cumprimento da medida sanitária de isolamento social, exigida à população em geral, aliada a outros procedimentos preventivos, dado que a infecção foi-se estendendo de modo devastador em escala global, com efeitos acentuados naqueles mais vulneráveis.

Contudo, pergunta-se: será que uma abrupta mudança nas atividades cotidianas e a necessidade do afastamento de familiares e amigos por tempo indeterminado não poderiam trazer repercussões de ordens diversas sobre a saúde emocional e física dos idosos, afetando sua qualidade de vida? Quais as consequências disso quanto à saúde mental, especialmente dos idosos? Estas são perguntas, dentre outras, que os pesquisadores fizeram, passando a propor um número de investigações bastante consistentes durante o ano de 2020, tendo em conta que, segundo Di Cesare (2020a, p. 1), trata-se de “[...] evento trágico, que marca o início de uma época inquietante, uma calamidade planetária sem precedentes, contra a qual, quando muito, teriam sido necessárias medidas mais imediatas e rigorosas”.

Por essa razão, alguns dos pesquisadores filiados ao Núcleo de Ensino e Pesquisa em Envelhecimento, da PUC-SP, autores deste texto, no ano de 2020, já haviam participado de pesquisas, nacionais e internacionais, sobre o tema

Covid-19 e seus efeitos negativos sobre a população idosa, e em diferentes níveis, dentre outras: BISPO *et al.* (2020); LOPES *et al.* (2020a); LOPES *et al.* (2020b); MANSO *et al.* (2020).

O início de 2021 mostrou-se esperançoso, devido ao rápido desenvolvimento de várias vacinas em diferentes países e laboratórios, a mecanismos mais sofisticados nacionais e internacionais de vigilância genômica e epidemiológica, com maior previsibilidade acerca dos picos da epidemia, das medidas necessárias a fim de conter novas mutações, de alertas para que intervenções estruturais fossem feitas a fim de que, à Covid-19, não se seguissem a Covid-20, a Covid-21, a Covid-22, tal como o afirmou Wallace (2020); ou o risco de uma nova pandemia (com os vírus da influenza aviária estendido aos humanos, conforme o Relatório da Open Cages [2020]). O desenvolvimento maior dos estudos pretendeu gerar, em suma, um conhecimento acumulado que poderia impedir a evolução grave das epidemias.

Constatou-se, entretanto, no tempo de elaboração deste trabalho, que surgiam outras variantes do coronavírus: a Alfa, no Reino Unido, em setembro de 2020; a Beta, na África do Sul, em dezembro de 2020; a Delta, na Índia, em outubro de 2020; a Gama, em japoneses que voltavam do Amazonas, em dezembro 2020; a Ômicron, na África do Sul, dentre outras que podem ainda surgir, com maior capacidade/velocidade de transmissão, casos de reinfeção e aumento acelerado do número de casos graves e mortes (PINHEIRO, 2021). Dados recentes indicam que existem indícios de que a Coronavac seja adequada a variantes P1, mas respostas seguras serão obtidas com o acompanhamento acurado e futuras pesquisas (O GLOBO, 2021).

Com as mutações possíveis, e ainda com o processo de vacinação em andamento, parece difícil, a nosso ver, a “volta” à realidade conhecida na época pré-pandêmica, neste 2021, quando a preocupação maior dos pesquisadores passou a ser relativamente à afetação psíquica, especialmente das pessoas idosas diante de “um desconhecido” que afronta a todos e perturba em sua insistência.

Aqui é apresentado, em recorte qualitativo, um desdobramento da pesquisa realizada em parceria com a Rede Interdisciplinar Latino-Americana de Psicogerontologia (MANSO *et al.*, 2020), no período de maio a junho de 2020, envolvendo Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, Bolívia, Porto Rico, Venezuela e Equador, sob a coordenação da Faculdade de Psicologia da Universidade Autónoma do México, UNAM. Constituída por um grupo de pesquisadores brasileiros e de mais sete países latino-americanos, a REDIP teve origem no I Congresso de Psicogerontologia, organizado pela Universidade Maimônides,

na cidade de Buenos Aires, em 2005, com a realização de posteriores congressos temáticos bienais.

Uma das perguntas motivadoras à pesquisa e ao presente texto é: qual o impacto sobre a saúde mental da população idosa afetada pela pandemia da Covid-19? As hipóteses deste estudo são: a de que, embora as pessoas idosas tenham suas singularidades e venham mostrando ser afetadas de modo diverso pelos eventos da vida porquanto diversas são suas condições de saúde, modos de convivência na família, na comunidade, na sociedade, elas devem apresentar-se resistentes, como via de regra o são, diante das intercorrências de várias ordens em sua vida, ainda que sentimentos contraditórios possam estar impactando de algum modo sua subjetividade, nestes tempos pandêmicos; coincidente é a hipótese para o caso dos informantes “com privilégios” desta pesquisa. A justificativa para a realização do presente estudo é justamente tentar compreender como os idosos estão enfrentando, em termos psicológicos, este período de abrupta mudança em suas atividades cotidianas e de distanciamento familiar e social, e subsidiar, com os resultados analisados, outros projetos a serem desenvolvidos em torno de ações que possam superar possíveis problemas da saúde emocional e física dos idosos.

Todo o investimento feito por estes pesquisadores, solidarizados a outros no estudo dos efeitos da pandemia, foi e continua sendo o de atender à necessidade de fornecer evidências relevantes para as políticas públicas e sociais, no sentido de superar os efeitos da desinformação pública ainda existente desde os primeiros tempos da pandemia. Desta forma, contribui-se com a disseminação e a necessária absorção desses conhecimentos, por uma comunidade em formação sobre a Covid-19 e suas variantes, sobre como compreender os efeitos psíquicos/psicológicos sobre a pessoa idosa do distanciamento social, e ainda sobre a eficácia de algumas das intervenções que vêm sendo operadas.

Em função disso, o objetivo deste artigo é discutir aspectos psicossociais apresentados pelos idosos durante a pandemia da Covid-19, no período de maio a junho de 2020, com foco na questão do medo enquanto sentimento, experiências, articulações, ressonância.

2 Método

2.1 Amostra

Amostra não probabilística, por conveniência, com 417 pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, cognitivamente funcionais, sem distinção de sexo, etnia, classe social e cidade de moradia.

O contato dos pesquisadores com os possíveis participantes do estudo deu-se de modo sistemático, ou seja, estes concordaram, após consulta virtual, em serem sujeitos do estudo especialmente pela filiação que têm à rede de contato virtual das entidades vinculadas ao Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Essa filiação faz com que mantenham um substrato comum de identidade com os pesquisadores (MINAYO, 2000), vínculo este que os torna solidariamente imbricados com as problemáticas tratadas em pesquisas e, a um só tempo, comprometidos, por sua própria aquiescência e gosto, com um retorno eficiente aos questionários aplicados.

Tal como ressaltam áreas, como a das Ciências Sociais, sobre a necessária identidade entre sujeito e objeto, e, como lembra Lévi-Strauss (1975, p. 215), “Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação”. Estar no papel de pesquisador-observador significa, porém, nesta investigação, não participar diretamente da interação com os sujeitos de pesquisa — uma necessidade imposta pela própria orientação teórica, ao estes elaborarem e transmitirem as respostas ao questionário. Desse modo, não fica prejudicada a naturalidade da situação de coleta de dados em respostas ao questionário de pesquisa, minimizando-se quaisquer efeitos negativos que poderiam ser causados pela presença não-neutra de um pesquisador na interação, o qual poderia ser sentido como elemento estranho, perturbando a naturalidade da situação de coleta de dados.

Ressalte-se que os pesquisadores tiveram que pensar e produzir sua própria reflexão crítica a uma tal experiência de campo, no nível da vida cotidiana, justamente na tentativa de escrita com uma visão renovada da prática de textos sob o formato etnográfico, quando se “mergulha em uma relação imediata com os vividos e os singulares” (ABÉLÈS, 2020, n.p.), no presente caso devido à situação atípica de se desenvolver uma pesquisa, de modo remoto, fazendo-se uso apenas da via online ou por telefone. Desse modo, a caracterização da modalidade de estudo, de coleta e análise de dados aqui adotada, mostrou-se, aos pesquisadores, como a mais pertinente para o devido controle científico.

2.2 Instrumento

Para atingir tais propósitos metodológicos, foram formuladas perguntas concentradas em um questionário-guia, no sentido de homogeneizar os dados dos vários informantes para posterior comparação entre esses dados, controlar tópicos (possíveis de conversação à distância com desvio de foco) e, em especial, provocar respostas que permitissem a emergência da subjetividade de cada idoso neste período pandêmico.

Foram oito questões abertas, para uma análise essencialmente qualitativa, o que não demandaria uma grande quantidade de dados, com a representatividade do corpus considerada a priori como adequada pelos próprios pesquisadores. Por essa razão, analisaram-se, como recorte a este artigo, as respostas à questão 1, quando se abriu espaço para a escuta das vozes dos idosos em primeira pessoa. Tencionou-se verificar o impacto da pandemia Covid-19 na saúde mental da pessoa idosa depreendido ao esta revelar seus sentimentos sobre o surgimento do vírus, dada a ameaça que este representava e a imposição do distanciamento físico-social, com consequentes mudanças em seu cotidiano de vida.

2.3 Procedimento

Foram respondidos 417 questionários, aplicados digitalmente, via e-mail ou pelo *Teams*, por pesquisadores do próprio NEPE, autores deste estudo. Quando o idoso não tinha possibilidade de responder, pessoalmente via online, era feita uma entrevista telefônica.

A aplicação do questionário foi precedida pela leitura e anuência do idoso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), deixando-se claro que a participação era voluntária, o anonimato resguardado, e com riscos mínimos aos participantes, inclusive podendo estes desistir conforme o andamento da pesquisa. O período de aplicação foi de 20 de maio a 20 de junho de 2020.

Foi utilizado o método *Snowball sampling*, ou amostragem em bola de neve, não probabilística (HANDCOCK; GILE, 2011; VINUTO, 2014), sendo um método considerado adequado e particularmente aplicável quando o foco de uma pesquisa é uma questão sensível, possivelmente sobre algo relativamente privado, e que pode recuperar o conhecimento de pessoas pertencentes a um determinado grupo de informantes (os filiados ao NEPE, na presente pesquisa), mas sem limitar a variabilidade, a pluralidade, de respostas possíveis. Além disso, esse tipo específico de amostragem também é muito útil, a despeito de

algumas limitações, para estudar problemas específicos de pesquisa, questões delicadas, como as de subjetividade. Vale lembrar que o uso da abordagem em bola de neve pode ser empregado também para a realização de outras técnicas de caráter qualitativo, como a entrevista e a aplicação de questionário (VINUTO, 2014), caso desta investigação. A amostragem em bola de neve minimiza um dilema ético na pesquisa — ao se tentar elicitare dados pessoais sobre o que se pretende fazer, isto é, saber dos sentimentos de uma pessoa idosa na pandemia —, que se configura desta forma: o contato entre um possível informante e os pesquisadores fica mais facilitado, por ele fazer parte de uma rede de contatos que lhe é familiar. Assim, no caso de o informante não querer participar da pesquisa, ele não se sentirá embaraçado diante da possibilidade de declinar do convite de forma mais discreta do que se negasse sua colaboração diretamente aos pesquisadores.

Foram coletados dados sociodemográficos dos informantes (a partir das variáveis: idade, sexo, estado civil, escolaridade, classe/grupo socioeconômico) e dados sobre os sentimentos dessas pessoas idosas durante o período pandêmico, a partir do questionário-guia desenvolvido pelos próprios pesquisadores. Perguntas que envolvem a subjetividade dos participantes de uma pesquisa, por depender da experiência pessoal em uma dada situação, mostram que, ao responder a elas, um informante fica tão envolvido emocionalmente com aquilo que descreve/relata que presta um mínimo de atenção ao como descreve/relata — esta é precisamente a situação natural de comunicação responsiva almejada pelos pesquisadores, para que se desvelem sentimentos muitas vezes não-ditos, não informados anteriormente e que constituirão o material básico para a análise qualitativa.

O tratamento do material coletado na pesquisa de campo, isto é, das respostas às perguntas do questionário aplicado, atendeu à subdivisão proposta na pesquisa qualitativa (MINAYO, 2000): transcrição das respostas e de modo que a manifesta informalidade, dada a situação natural de comunicação responsiva, se mantivesse na transcrição; a seguir, a ordenação das diversas respostas obtidas; em seguida, a sistematização/classificação do material coletado, destacando-se que, ainda que as respostas fossem heterogêneas e variáveis, dado o nível informal da língua falada, esses enunciados foram passíveis de sistematização, atendendo ao objetivo da pesquisa; depois, a análise propriamente dita das respostas, um conjunto de discursos variantes. O tratamento dessas respostas nos conduziu à teorização sobre esses dados de análise, quando se pôde estabelecer um confronto entre a abordagem teórico-metodológica com que se iniciou a pesquisa e o que a pesquisa de campo fez emergir de singular, como contribuição nova.

Quanto aos recursos humanos e materiais para a pesquisa, os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa predispuseram-se a dar conta de todas as atividades envolvidas, o que ocorreu em todas as etapas em ambiente virtual, com as discussões orais no *Teams* e contato entre pesquisadores via *WhatsApp*. Os recursos materiais foram os disponibilizados pelos próprios pesquisadores, que se valeram, se necessário, de recursos da própria sala online do NEPE.

Quanto aos aspectos éticos, este estudo não exigiu sua submissão e aprovação ao Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), dado que se trata de um recorte qualitativo de pesquisa maior, realizada em parceria com a Rede Interdisciplinar Latino-Americana de Psicogerontologia (MANSO *et al.*, 2020), envolvendo Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, Bolívia, Porto Rico, Venezuela e Equador, sob a coordenação da Faculdade de Psicologia da Universidade Autônoma do México, UNAM.

3 Resultados e discussão

Os achados quantitativos puderam desvelar as características gerais do grupo pesquisado, em que, dos 417 respondentes, 75% mulheres e 25% homens, com idade média de 69 anos, sendo que 81% da amostra era da cidade de São Paulo; os demais provenientes de outras cidades do país.

Um diferencial desta pesquisa foi o nível de escolaridade dos mesmos: 86,1% da amostra com grau superior completo ou mais e 13,4% com superior incompleto.

Quanto à condição econômica, 86% deles declararam-se de classe média e 11% de alta, dados que indicam os benefícios que o conforto material, a escolaridade e o acesso a recursos tecnológicos oferecem, evidenciados nesta grave crise sócio sanitária. Ressalte-se que são poucas as pesquisas com amostras deste público específico, sendo exemplar a de Lopes *et al.* (2020a).

É importante ressaltar que este recorte, que apresentou um grupo de idosos em melhores condições socioeconômica e de formação, foi aleatório, na mesma medida do método utilizado. Tal critério da amostragem aleatória para a seleção dos sujeitos de pesquisa assegura que se tenha dado chance a todos os membros de um grupo ou comunidade de se constituírem como informantes, desde que atendessem aos critérios de seleção previstos.

Considere-se que, na realidade brasileira existe, historicamente, um elevado grau de desigualdades sócio sanitárias, nos níveis educacionais, e na distribuição de renda, o que leva a uma ampla camada de pessoas desprovidas dos mínimos necessários e afetadas negativamente ao longo da vida,

especialmente na velhice. Dada a limitação deste estudo, outras pesquisas seriam fundamentais para completar o quadro real das múltiplas velhices, em território diverso e desigual, em todas as áreas, nesta emergência sanitária em que estão elas situadas.

Na análise das respostas abertas às oito questões feitas, pôde-se constatar que os “privilégios” na vida de que dispõem os informantes não afastaram os sentimentos negativos aqui apontados e observados, por outros estudos, em segmentos populacionais mais fragilizados (COSTA *et al.*, 2020; LIMA *et al.*, 2020; ORNELL *et al.*, 2020).

O antropólogo Marc Abélès alude à posição do pesquisador diante de tal problemática:

Nos tempos incertos em que vivemos, [...] [a pesquisa deve ressoar] com as dificuldades do mundo. É que hoje há uma intensa necessidade de entender a partir de baixo, e não acreditamos mais nas virtudes do olhar panorâmico sozinhos. Resumindo, pode-se dizer que a posição do antropólogo [...] é uma posição de envolvimento, e de perceber todos os dias até que ponto sua experiência está entrelaçada com a do grupo de que participa. Ele pode ser definido como uma singularidade de intersecção, em uma situação da qual ele nunca domina todas as molas, o que, ao mesmo tempo em que complicando sua tarefa, leva-o a penetrar nos mistérios da sociedade [...]. Esse posicionamento do antropólogo é particularmente *propicio à escuta* e à reflexividade. (2020, n.p., grifo nosso).

A escuta ao sujeito desta pesquisa foi possibilitada pelo enfoque aqui proposto sob a perspectiva psicogerontológica, com os pesquisadores valendo-se do método de observação-participante na interação, e permitindo-se uma reflexão crítica sobre os aspectos psíquicos do envelhecimento, considerando as novas organizações subjetivas de um ser que envelhece, mas que está agora exposto à problemática da Covid-19, e que pode evidenciar aspectos como suas condições diversas de saúde; sua imagem social enquanto idoso; aspectos culturais que a determinam e as leis que regulamentam sua atuação, e protegem ou atacam seus direitos de cidadania. Tem-se, assim, um amplo leque de fatores bio-sócio-psico-políticos e culturais que contribuem para a construção histórica da subjetividade desse ser envelhescente, e que se viu, a partir de março de 2020, tendo que ignorar seus modos costumeiros de vida na família, na comunidade e na sociedade.

Sob a perspectiva de análise adotada na presente pesquisa, a escuta do ser que envelhece é fundamental, dado serem estudos e pesquisas qualitativas voltadas à construção de um saber gerontológico com os idosos, e não apenas sobre eles. Segundo Argoud e Puijalon (1999), ouvindo-os, a compreensão que

se terá sobre o envelhecimento se transforma, pois, a realidade vivida é dita em primeira pessoa, expressando os diferentes modos de envelhecer, as experiências vividas e os sentimentos que afetam essas pessoas idosas, de modo especial neste cenário de ameaça nunca vivido. Segundo as mesmas autoras, muitos trabalhos e pesquisas, de diferentes áreas, falam sobre o idoso, considerado “o outro” — como objeto de estudos — mas não se ouve sua voz, o que o coloca às margens da ação, tornando-o apenas sujeito passivo às ações políticas, dos profissionais e/ou pesquisadores, reforçando-se, assim, o chamado Ageísmo/Idadismo ou preconceito etário (MELLO *et al.*, 2020).

As pesquisas nas quais surge “a voz” do sujeito idoso — considerando-o como ser desejante, em suas individualidades, subjetividades e valorizando suas experiências —, concretizam o conceito de velhos e velhices em seu sentido plural, respeitando e fortalecendo os indivíduos, pela escuta “em primeira mão”, ampliando também as possibilidades de estudos, pesquisas e atuação na área. Atitude frente ao indivíduo que envelhece que faz retomar o poder sobre si e, conseqüentemente, o sentido de pertencimento e autoestima, perspectiva que, a nosso ver, deve guiar estudos, pesquisas e práticas na construção de um saber renovado e integrado a respeito da longevidade.

Buscou-se confrontar o Ageísmo que o cotidiano aponta, estigma que marca os velhos, como grupo de risco, conforme indica recente artigo do jornal *La Croix*, no qual Rapoport (2020) alerta que a crise sanitária causada pela Covid-19 incidiu e fortaleceu o foco preconceituoso e ambivalente sobre o segmento populacional idoso, reforçando a marca/estigma que qualifica seus membros como frágeis, vulneráveis, de risco, entre outros, revelando o imaginário ambivalente e complexo face ao envelhecimento e o fato do qual a sociedade contemporânea se afasta — a mortalidade do ser humano.

Retomando o material de análise: este estudo delimitou-o (por razões de espaço) às respostas à pergunta 1 “O que senti no início desta quarentena foi...”, que foram transcritas, analisadas e organizadas em “nuvem de palavras”. Palavras estas que expressam sentimentos, experiências e suas articulações, valorizando o modo de comunicação que nos distingue como humanos, o que nos aproxima da pesquisa etnográfica, permitindo apreender a essência de uma mensagem, e que se apoia em uma identidade fundada, entre outros aspectos, em alargadas fronteiras geográficas e língua em comum, estabelecendo-se relações que se formam na partilha de sentimentos e pensamentos.

Larrosa e Kohan, logo na apresentação da coleção intitulada “Educação: Experiência e Sentido”, contida no livro *Tremores-escritos sobre experiência* (LARROSA, 2015, p. 6), assinalam que:

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura [...], que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita libertar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo.

Segundo Bakhtin (2006), a identidade humana assim se forja: por meio do intercâmbio da linguagem com outros, com o homem se reconhecendo nesse processo. Assim, as palavras organizadas em torno de um tema em comum tornam-se signos de comunicação, transmissão e preservação de conhecimentos, sentimentos e experiências vividas, individual e coletivamente — medos, desejos, sonhos e realidades. A palavra livre, criadora e comprometida com seu significado profundo, insere-se na busca do conhecimento, vida plena e liberdade; torna-se expressão de sentimentos e sentidos, na busca do bem comum, da solidariedade e da integração social.

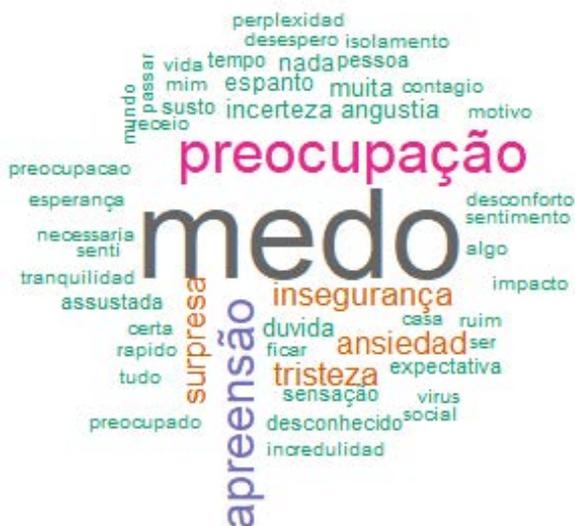
A identidade é vista como resultado de uma relação complexa que pressupõe não só a linguagem, mas outros símbolos de comunicação que se encontram e entrelaçam no imaginário das culturas partilhadas. Maturana e Verden-Zoeller (2004) reafirmam que a existência humana acontece nesse espaço relacional de troca de palavras — a conversação — e consideram a linguagem um fenômeno biológico relacional, base da nossa humanidade, fruto da convivência e que aparece entrelaçado com o emocionar. Conversar, trocar experiências, formando redes de conversações, numa conversação em processo, é o que dá sentido à vida, constrói a cultura e confere sentidos múltiplos (BRANDÃO, 2009). Nessa direção, Larrosa (2015, p. 15-17) complementa:

O homem é palavra [...] se dá em palavra, está tecido de palavra e como palavra [...]. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos ou nomeamos.

A valoração da palavra, a expressão das identidades e dos sentimentos dos sujeitos idosos depoentes nesta pesquisa, sobre o medo e sofrimentos correlatos, foi objeto de uma análise inicial, como resultado da leitura e organização de tais dados qualitativos. São as palavras extraídas das respostas à pergunta 1 “O que senti no início desta quarentena foi...” agrupadas, a seguir, segundo o critério das mais citadas (até dez citações) e por se inter-relacionarem como precursoras ou derivadas da palavra/sentimento em destaque, reunidas em

um bloco de correlações: Medo: 73 ocorrências; Preocupação, 39; Apreensão, 34; Tristeza e Surpresa, 11; Insegurança, 10; expressas na Figura 1.

Figura 1 – Palavras sobre o sentimento de medo e sofrimentos correlatos, expressas pelos idosos



Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao longo da análise surgiram, além do medo, outras associações entre as palavras e, aqui, diferentes perspectivas permitiram surpreender os “achados” desta pesquisa, que foi realizada com o cuidado de um “artesão intelectual” (MILLS, 2009), o qual vai reelaborando impressões, descobertas, deixando-se “perder” em associações, aberto sempre a novas possibilidades, anotando, refletindo e refazendo os passos dados, em busca de um melhor e mais delicado “acabamento” final, sempre vinculado a processos sociais amplos. Um lapidar cotidiano que permite, a um cientista social, um processo de reflexão permanente — sobre um tema, ideia, palavra — como norte da pesquisa (QUEIROZ, 1983).

Esta perspectiva é, segundo Mills (2009), a de um trabalhador intelectual que se forma na mesma medida em que trabalha, considerando suas experiências de vida-trabalho; na verdade, uma aprendizagem em processo, sugerindo-se inclusive o uso de um diário, no qual “o artesão intelectual tentará juntar o que está fazendo intelectualmente [...] e como pessoa e [nele] conservará suas

energias, estimulará a captura de ‘pensamentos marginais’, desenvolvendo hábitos de autorreflexão” (p. 212-215).

O antropólogo Claude Lévi Strauss propunha uma experiência aproximada, utilizando o termo *bricolage* (1970, p. 38) na criação do pensamento mítico, envolvendo a associação de palavras, construtoras de um possível arcabouço de sentidos em uma *bricolage* intelectual, ou seja, uma construção a partir de “restos” ou pequenos indícios. Esta é a possibilidade metodológica considerada, neste estudo, por meio da análise da “nuvem” de palavras (*word cloud*) e respectivos significados, recuperados na coleta de dados — recurso este que está sendo muito utilizado em atividades de interpretação e produção de textos.

Um gráfico digital mostra o grau de frequência de palavras importantes, porque reiteradas pelos respondentes em suas respostas abertas, sendo que, quando for uma frase, esta pode ter de uma a cinco palavras. Quanto mais uma palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico. À luz desta perspectiva, os restos deixam de ter significado pejorativo; ao contrário, indicam pistas elaborativas que permitem alcançar o “refinamento” de sentidos não expressos convencionalmente, mas entrevistados como uma “respiração” que dali emana. É esta significação e suas latências, a partir da palavra mais citada — o medo — que aqui serão destacadas.

É de se lembrar que, nas pesquisas de campo presenciais, o contato face a face favorece a apreensão de sentimentos, facilitada pela linguagem corporal dos entrevistados e pelas anotações em diário de campo do pesquisador. Nesta pesquisa, ao trabalhar com palavras-sentimentos, adotando a postura de um etnólogo, ousou-se escutar e desvendar, por meio destas palavras, o significado das palavras-chave enunciadas por pessoas idosas. Reitere-se, porém, a condição de recorte desta pesquisa que indica uma amostra de informantes com nível educacional e social diferenciado, não expressando a realidade da maior parte desta população do país, mas que também dela não se exclui.

A análise qualitativa aqui proposta busca destacar a palavra do idoso, já em regime de distanciamento físico-social, em sua expressão nas respostas ao questionário, sobre os muitos impactos ocasionados pelo surgimento da Covid-19 e suas consequências, dentre as quais surgem palavras que expressam sentimentos negativos, tais como: medo, preocupação, apreensão, tristeza, surpresa, insegurança e ansiedade.

Como dito, a palavra medo foi o destaque nas respostas à pergunta 1, e surge associada tanto aos sentimentos mais referidos como preocupação, apreensão, tristeza, insegurança e ansiedade, como aos potencialmente geradores de medo, como em outras associações, que exprimem sentimentos correlatos, incluindo a surpresa (11), que pode preceder a todos os outros, como

algo inesperado. Este sentimento pode ser positivo ou negativo e, neste caso, pode ser considerado disparador de outros sentimentos.

Outras palavras que expressam sentimentos associados: dúvida, insegurança, incerteza; apreensão, algo desconhecido muito ruim, medo horrível de tudo, de sair na rua, por não saber exatamente como seria o contágio, o pouco convívio.

Em revisão bibliográfica, outras associações foram encontradas, como: medo, ansiedade e pânico; isolamento prolongado, frustrações, falta de aporte financeiro e material, ausência de informações consistentes para controle do vírus, o impacto das “*fake news*” e de informações inconsistentes, acarretando: depressão, ansiedade, estresse, indivíduos solitários, ansiosos e desesperados.

Todos estes sentimentos, como antes dito, acentuam-se ainda em situações de vulnerabilidades — econômicas, sociais, de saúde, atingindo fortemente doentes crônicos, idosos, bem como encarcerados, moradores de rua, imigrantes, habitantes de moradias coletivas, dentre outras situações que se agudizam nestes tempos pandêmicos, mas que escapam do foco desta pesquisa.

O segundo sentimento mais expresso na pesquisa é a preocupação (39) que pode ser potencialmente desenvolvida para medo (73), de acordo com o agravamento e prolongamento do motivo, pois pode preceder a evolução de qualquer evento (positivo ou negativo). Outras expressões correlatas de medo e preocupação, encontrados na pesquisa e na bibliografia consultada, foram: aflição, angústia, ansiedade, insegurança, assombro, desconhecimento, desespero e depressão, vontade de chorar, dúvidas, estranhamento, frustração, horror, incerteza, incredulidade, raiva, receio, intolerância, solidão, sono e tédio.

O terceiro sentimento é a apreensão (34) pelo desconhecido, dúvidas, pela velocidade do contágio e a precariedade do sistema de Saúde no Brasil, por não entender a situação.

Segue-se o quarto sentimento, tristeza (11), principalmente com as pessoas mais carentes de recursos e afetos, a angústia, revolta por não poder ver os netos, de não realizar a viagem dos sonhos programada, por não poder sair de casa, dentre outros.

O quinto sentimento é a surpresa (11), apontando muitas possibilidades, pois ele pode ser interpretado tanto como positivo ou negativo, dependendo do contexto.

Nas palavras extraídas dos depoimentos, nota-se o surgimento de sentimentos mais positivos, e indicativos de aceitação, solidariedade e resiliência ante os desafios impostos pela pandemia: Conformismo; Esperança; Aceitação; Adaptação; Alívio; Conformada; Curiosa; Esperança (de que durará pouco a pandemia); Proteção; Fazer a minha parte; Ficar em casa; Responsabilidade;

Sensação de segurança; Certo descaso; Iria passar rápido; Aprender mais, Me proteger e auxiliar as pessoas; Nada em especial, sabia que estaria ajudando aos outros e protegendo a mim mesma contra o vírus; Não senti nada, houve poucas mudanças em relação à vida que levo; Necessidade de aderir ao distanciamento físico, como forma de proteger terceiros; Desobediência civil, contra as posições de direita do presidente da república; Era necessário ter esse comportamento; Que eu viveria o que a humanidade tantas vezes viveu; E era chegada a minha oportunidade...; Que a natureza é soberana; Tudo passaria rápido e que havia entrado de férias!; Tranquilidade, nada de medo; Mistura de fé com saudade; Um sentimento de solidariedade.

Notou-se que, no conjunto de dados, houve uma oscilação entre atitudes positivas de esperança, ânimo, superação, reconstrução das possibilidades e compromisso social. Tal positividade nos sentimentos surgidos na pesquisa, de maio a junho de 2020, expressava um momento no qual se prenunciava certa estabilidade no número de casos e a expectativa de reabertura e o recomeço de uma vida livre da pandemia. Foi uma breve ilusão, pois no mês seguinte, julho de 2021, o número de casos de afetados e de mortos avançou, e o desejado futuro promissor não mais se concretizaria.

Sentimentos mais negativos mostraram sua força e, já nessa época, os pesquisadores levantaram a hipótese de que deveriam impactar a recuperação da estabilidade e a saúde mental de muitos dos depoentes, lembrando-se que a pesquisa foi realizada no período mediano do primeiro impacto da pandemia. Mas não se poderia deixar de partilhar, aqui, o pensamento sempre esperançoso do antropólogo francês Edgar Morin (2020, n.p.):

A crise deveria, sobretudo, abrir nossas mentes, há bastante tempo reduzidas ao imediato, ao secundário e ao frívolo, para o essencial: a importância do amor e da amizade para nosso florescimento pessoal, para a comunidade e para a solidariedade de nossos “eus” nos “nossos”, para o destino da Humanidade, dentro da qual cada um de nós é uma mera partícula. Em suma, o confinamento físico deveria favorecer o “desconfinamento” mental.

Latour (2020) também deixa ao leitor uma boa reflexão quando afirma a importância fundamental de usar este tempo de confinamento imposto para se descrever, primeiro a si mesmo, depois em grupo, aquilo a que todos são apegados, a que estão dispostos para se libertar, as cadeias que se quer reconstituir e aquelas que, por meio de atitudes, decide-se interromper.

Outro indicador para o prosseguimento das pesquisas, com uma população mais abrangente, poderá fornecer uma visão ampla dos impactos sobre a saúde física e mental dos idosos da população brasileira, as sequelas deixadas

por longos períodos de internação hospitalar, entre outras consequências desta pandemia que se alonga, mesmo com as vacinas. Pode-se antever que os resultados, para idosos mais fragilizados, na saúde, nos vínculos, e com condições materiais insuficientes, indicam que esta recuperação será mais lenta e provocará danos mais severos.

3.1 Reflexões sobre o sentimento de medo na contemporaneidade

Inicia-se, neste espaço, uma reflexão voltada à palavra mais referida como resposta nos questionários ora aplicados — o medo.

No mundo atual, são numerosas as possibilidades de ocorrências inesperadas, sejam elas de origem natural, sejam as causadas pelo homem. Certo é que a imprevisibilidade é nossa companheira cotidiana. Muito se diz sobre a incerteza sobre o futuro do planeta Terra, devido ao movimento e à incerteza, tanto do mundo natural quanto do social.

Em seus estudos sobre a complexidade inerente à organização humana ao longo de sua constituição, Morin (1973) destaca o movimento e a incerteza — em reorganização permanente, como processo necessário de auto-organização: “Uma sociedade autoproduz-se sem parar porque se autodestrói sem parar” (p. 43).

A afirmação indicadora de que a “modernidade” é vivida em oscilação — o movimento mais a incerteza, em todos os aspectos da vida privada e social, é complementada por Balandier (1997, p. 172):

A época é cada vez menos propícia para uma representação linear do percurso de vida, a uma gestão do tempo que acompanha a duração do tempo sob a única reserva dos cortes atribuídos à má sorte ou à fatalidade. A incerteza prevalece, o presente está para ser conquistado sem prazo determinado, e o ciclo da vida individual toma o aspecto de uma corrida de obstáculos. É um tempo em que nada se adquire de forma segura, nem o saber e a competência, nem o emprego ou o período de atividade, nem o apoio social e o objetivo que assegura a existência privada.

Tal afirmação, feita há mais de vinte anos, parece descrever o mundo pandêmico atual. Viver em sociedade sempre implicou mudanças e o autor destaca que a antropologia evidencia, em todas as sociedades, as potencialidades alternativas no cerne de sua constituição. O germe da mudança está sempre presente e isso move o progresso das culturas, em seus aspectos positivos e negativos. Assim, por que se tem uma impressão de esgotamento do futuro e não se enxerga como positiva a dinâmica do movimento em sua

cotidianidade e complexidade? Nesta perspectiva, a desordem e a mudança, inerentes à natureza, são fatores constitutivos das sociedades e dos humanos, dos quais são construtores e constructos, e os desafios estão no cotidiano dos tempos vividos, internos e externos, e a busca de superação deles é a ação que funda e refunda as culturas.

Ao afirmar que a pandemia de coronavírus “rompeu” a “normalidade” da vida social, desconsidera-se esse complexo constructo, visto como um todo organizado e estável. Mas, e caso se considere este momento de pandemia, como tantos outros acontecimentos ao longo da história humana, como “ponto de virada” e de reorganização, ante a “destruição do equilíbrio” entre homem-natureza? Seria possível “esperançar” mudanças e não apenas destruição?

Latour (2020) afirma que ficou provado que “é possível, em questão de semanas, suspender, em todo o mundo e, ao mesmo tempo, um sistema econômico que até agora se dizia ser impossível de desacelerar ou redirecionar”, e que não haveria como “parar o trem do progresso”. Esta é a realidade — se tudo para, pode tudo ser recolocado em questão, selecionado, interrompido ou acelerado. A resposta está aberta. Vai se chegar a quais conclusões? Instabilidade e provisoriedade são o sentimento atual, como tudo o que rompe com o que é normal em determinada época.

Os desgastes e as agressões sofridos pelo planeta devem-se à ação predatória humana, derivada de um progresso que fez surgir as maravilhas do conhecimento humano, ao conviver com o descuido e a agressão destes mesmos criadores em relação a ele, tendo como destaques as mudanças climáticas e o desequilíbrio desta delicada trama que faz a vida, neste planeta, possível a todos os seres humanos.

Danowski e Viveiros de Castro (2017) oferecem um panorama assustador, mas real, de um futuro imprevisível, apoiados em anos de estudo e intensa colaboração com diferentes cientistas, no livro de título muito significativo “Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins” que apoia esta reflexão. Afirmam ser fundamental compreender a crise ecológica atual — que afeta os contextos sociais, políticos, econômicos e de saúde, e a própria vida humana neste espaço, como já se prenuncia atualmente. Os autores recolocam, no contexto de degradação da Terra, uma frase sempre citada do antropólogo Lévi-Strauss (1996): “O mundo começou sem homens e terminará sem eles”.

Na mesma perspectiva, pode-se considerar que tal corrida desenfreada e desmesurada rumo a um pretenso progresso, que se traduz na sociedade atual de consumo, aprofunda as desigualdades, carências, e exaure a Terra, como observa o SS Papa Francisco, na “Carta Encíclica Sobre o Cuidado da Casa Comum”:

Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhes impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica. A isso vem juntar-se o problema de que os objetivos desta mudança rápida e constante não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. A mudança é algo desejável, mas se torna preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade. (FRANCISCO, 2015, p. 17-18).

Estabelece-se, de modo contraditório, um progresso material, cuja riqueza não é compartilhada de modo equânime, prevalecendo um ambiente de relações sociopolíticas e econômicas desgastadas, que traz ao homem uma sensação de vazio, insegurança, desesperança que, na sociedade atual — utilitária, imediatista, volúvel, predatória, afasta-se das reflexões sobre a vida e a morte, tanto das pessoas como do ambiente no qual se vive, com a degradação de espaços, meio ambiente e das relações pessoais.

O Papa Francisco, na citada Carta Encíclica *Laudato 'si* (FRANCISCO, 2015), destaca os cuidados com a Terra, a “casa de todos nós”, e nos exorta a uma abertura frente à complexidade das questões ecológicas, sinais das dificuldades dos humanos em ultrapassar os desafios da degradação, em vários níveis.

Morin (2020), ativo aos cem anos, alerta-nos, em escrito recente, sobre as previsões que já vinham sendo feitas, inclusive por ele, sobre as possíveis catástrofes que se anunciam nesta “cadeia provocada pelo desdobramento incontrolável da mundialização tecno-econômica, incluindo aquelas que resultam da degradação da biosfera e das sociedades”, mas afirma que não tinha pensado em uma catástrofe viral.

Em uma conferência de abril de 2015, Bill Gates anunciara que “o perigo imediato para a humanidade não era nuclear, mas sim sanitário”, o que não foi considerado por quase todos os países. Muitos estudiosos de diferentes áreas e países têm feito alertas constantes, mas pouco foi realizado e o “futuro próximo, na escala de poucas décadas, torna-se imprevisível, senão mesmo inimaginável fora dos quadros da ficção científica ou das escatologias messiânicas” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 27).

A sociedade de risco ora vivenciada foi, com frequência, objeto de estudos antropológicos que indicam que o medo, real ou imaginado, é essencial à sobrevivência da espécie, e sempre presente, atendendo ao instinto natural da preservação da vida. Não se pode esquecer, no entanto, de que este sentimento pode ser criado e manipulado, sob a cultura do medo, no jogo de conquistas e poder por espaços territoriais ou imaginários, situação observada hoje em diferentes países, incluído o Brasil.

Vive-se hoje, entre outros, o medo maior da extinção — da natureza, do homem, das normas que balizam o caminho, do poder e seus excessos. Analisando-se o panorama atual, pode-se entender o que surge como o duplo — movimento mais incerteza —, que se expressa na emergência de um novo vírus, que pode ser derivado dessa perda de equilíbrio homem-natureza.

Tavares e Barbosa (2014, p. 18), a partir do acontecimento de “desastres sociais”, afirmam que se deve sempre refletir sobre questões emocionais em momentos de “crise” que atinjam os indivíduos, pois a sociedade, da qual a humanidade participa, sugere “[...] um difícil equilíbrio entre as contradições de continuidade e cesura na modernidade, que se refletem mais uma vez nas oposições entre modernidade e sociedade industrial e entre sociedade industrial e sociedade de risco” (BECK, 2010, p. 12).

Neste desequilíbrio não se consideram os riscos dos “danos colaterais” que afetam diretamente as populações mais vulneráveis. A esse respeito, complementa Bauman (2013, p. 15):

A probabilidade de se tornar “vítima colateral” de algum empreendimento humano, ainda que nobre em seu propósito, e de alguma catástrofe “natural”, ainda que cega à classe, é hoje uma das dimensões mais marcantes e surpreendentes da desigualdade social na agenda política contemporânea.

Os mesmos autores indicam o que se considera hoje como medos concretos, derivados dos alertas sobre a “deterioração do meio ambiente e o mal-estar civilizacional”, cria o que o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan denomina “paisagens do medo”, que “dizem respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real” (2005, p. 12) e as quase infinitas manifestações do caos, naturais e humanos, e que, constantemente, remetem aos referenciais de vulnerabilidades, às quais todos estamos sistematicamente expostos. Mendes (2020, p. 80) destaca as afirmações de Yi-Fu Tuan:

A paisagem da doença é uma paisagem das consequências terríveis da doença: membros deformados, cadáveres, hospitais e cemitérios cheios e os incansáveis esforços das autoridades para combater uma epidemia [e] que o conjunto infundável de sentimentos de medos é apresentado como paisagens, por meio de imagens, que o reforçam — da morte do sobrenatural, das doenças, das catástrofes naturais, dos hospitais, das ruas desertas, dos assaltantes, das prisões e o maior deles que vem com a ansiedade, diante da possibilidade de rompimento da ordem mundial.

Aristóteles, filósofo grego, discípulo de Platão, no *II Livro da Retórica*, definia essa emoção como “temor” ou, de modo mais explícito: “o medo é uma

dor ou uma agitação pela perspectiva de um mal futuro, que seja capaz de produzir morte ou dor” (ABBAGNANO, 2007, p. 311). Definição semelhante é encontrada em Houaiss (2001, p. 1879), como “estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência (um animal) ou sentir a vida ameaçada”.

Considerando-se o medo como uma condição existencial, indica-se a abordagem ampla proposta por Tavares e Barbosa (2014, p. 25), que contempla o conjunto de medos ligados à pandemia, como se verá na análise das palavras-chave deste estudo:

Observa-se que em muitas situações, inclusive desastres, salvo fobias específicas, o medo acontece por múltiplos motivos, todos essencialmente válidos: a dor e o sofrimento, a morte (um dos mais viscerais), o desconhecido, o de não conseguir se salvar, as perdas materiais, a falta de identidade pela perda da habitação e seu modo de vida, a perda de entes queridos, a incapacidade de reconstruir a vida, o sofrimento, a dúvida, a falta de perspectiva, a preocupação com o futuro e tantos outros quanto as subjetividades assim permitirem, e conforme cada cultura específica entende e percebe o medo.

Evidencia-se, assim, que o sentimento e o pressentimento de um perigo, real ou imaginário, ligado à sobrevivência da espécie, gera a sensação de medo, sentimento primordial ao longo da história humana, e que vai sendo elaborado nas “fantasias” criadas frente ao “nada”, ligadas ao desconhecido, ao pressentido e até à extinção da vida. Surgem figuras imaginárias articuladas, muitas vezes, a imagens, sons, manifestações da natureza e tudo o que traga a ideia/representação de perigo e extinção.

Neste ponto, pode-se inserir uma reflexão, também proposta por Yi-Fu Tuan (2005), de que as construções do imaginário frente ao nada se estabelecem desde o início da hominização e o lento surgimento do “sapiens”. Ao longo dos tempos, as explicações sobre o “invisível”, aquilo que está “além de” o que posso ver e tocar, construíram, nos primórdios da cultura humana, uma separação entre homens e forças invisíveis, raízes dos cultos, crenças e, lentamente, em seitas mais organizadas, abrindo caminho para as religiões mais organizadas, incluindo as monoteístas — judaísmo, cristianismo e islamismo — de história recente nesta perspectiva da vida humana na Terra.

Estas crenças e religiões vão “personificar” o medo por meio das manifestações da natureza, elaboração de “figuras monstruosas”, espíritos malignos, demônios, fogo, inferno, do conhecimento, da fome, e das pestes e doenças, um conjunto de medos e castigos que ainda se preservam no imaginário da nossa “avançada” civilização e se concretizam hoje em imagens de devastação

natural, cidades abandonadas, cataclismos, guerra, famintos, morte, extinção. Tem sido impactante, desde o início da pandemia e por todo o mundo, imagens das cidades desertas, as filas de caminhões transportando mortos, os caminhões frigoríficos à porta dos hospitais, as cenas dos doentes nas UTIs, os sepultamentos em valas comuns abertas e o desespero dos familiares em busca por oxigênio, uma vaga na UTI, retratos de medo e dor, especial e infelizmente, no Brasil.

O medo e a dor atingem a todos, indistintamente, e somam-se àqueles com maiores vulnerabilidades físicas e sociais, e se manifestam com o sinal de alarme e o da ansiedade. Estes sentimentos são agudizados pelo temor do caos social, devido ao desemprego, fome, doença e aumento do número de mortes — panorama deste momento em muitos países e, especialmente, no lócus desta pesquisa, com foco neste recorte, o Brasil.

Neste documento, elaborado pela Rede Europeia Anti-Pobreza e pelo grupo Irmãos Hospitaleiras (2021) — da região da Guarda, Portugal —, é abordado o tema de “A saúde mental e a pobreza: que ligação?”, indicando que, mesmo em país europeu, as vulnerabilidades estão presentes no cotidiano de grande número de pessoas, aspecto que liga àquelas vividas em nosso país. Segundo este documento, mostra-se fundamental abordar os impactos da pandemia no equilíbrio mental, na vulnerabilidade emocional, na fragilidade relacional, na capacidade de manter o emprego, no empobrecimento das famílias, na diminuição da resiliência, um dos desafios a serem superados, enfrentando escassez de recursos financeiros, tomando consciência de que podemos adoecer, de que somos frágeis, vulneráveis, e de que temos medo. Indica que há um discurso incongruente entre a importância da saúde mental e os recursos disponibilizados para todos, e uma relação entre pobreza e saúde mental, pois a pobreza pode ser um fator de risco no desenvolvimento da doença mental e/ou uma consequência, especialmente para quem apresenta um quadro precoce, comprometendo a manutenção do emprego e vida estável. A situação dos grupos mais vulneráveis durante a pandemia se agravou de fato devido ao distanciamento físico, elevando os níveis de ansiedade, estresse e declínio psicológico/mental.

As questões abordadas neste estudo de Portugal são as que também se vive aqui no Brasil, desde o início, em fevereiro de 2020, em uma situação geradora do sentimento do medo real de extinção — doença e morte — e sentimentos correlatos, como emergem também nesta pesquisa. Verifica-se, de modo dramático no cotidiano, o medo confrontado com o descaso e a negação, apesar da grave crise ocasionada pelo estado de calamidade sanitária, e que não foram suficientes para o cumprimento de medidas de contenção e prevenção, em

diferentes países, ao longo de 2020, e que perduram. Onde já havia pobreza e outras desigualdades este panorama se aprofundou.

A Organização Mundial da Saúde (2020a) fez um alerta sobre o surto da doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19), mais precisamente em 30 de janeiro de 2020, declarando-o Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada como uma pandemia (OMS, 2020b). Só então medidas de distanciamento social e o uso obrigatório de máscaras faciais, entre outros cuidados, começaram a ser preconizados.

No estado de São Paulo, a quarentena, e o consequente afastamento físico, foi oficialmente instituída apenas em 24 de março de 2020 e, desde o início, até os dias atuais, houve resistência a elas, mesmo com os elevados números de mortes. Devido à explosão de casos, as medidas de afastamento permaneceram até o dia 1º de junho de 2020, quando teve início a “flexibilização” da quarentena, mas a crescente liberação derivou, como previsto, novas “ondas”, e com prenúncio de outras derivadas, em parte, pela mutação viral e o desrespeito às normas sanitárias. O mundo já passou pela terceira, quarta, e agora a quinta “onda”, com a variante Ômicron, “que se espalha a um ritmo nunca visto antes, e vem dobrando a cada dois ou três dias” (MENDES, 2021, n.p.). No Brasil, aliando desorganização e negacionismo, já se observaram problemas na vacinação, má distribuição na aplicação, aumento das fragilidades socioeconômicas, e um medo persistente normalizado, tal como o afirmara Bauman (2008, p. 8): “O medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância e da ameaça e do que deve ser feito do que pode e do que não pode para fazê-la ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do alcance”.

3.2 O sentimento de medo e correlatos e o impacto na qualidade de vida e saúde mental dos idosos

Neste item, procurou-se refletir sobre o panorama de agravos à saúde mental de idosos em situação de estresse, e a qualidade de vida, agravos estes derivados da pandemia, bem como mapear, a partir dos dados obtidos neste recorte e de revisão bibliográfica recente, alguns indicativos dos impactos dos sentimentos negativos observados até o momento atual da pandemia. Como a segunda e demais “ondas” do vírus são bem recentes, assim como novas mutações, procurou-se abordar tais impactos a partir de estudos já realizados.

Ornell *et al.* (2020) indicam que todos devem estar atentos aos sentimentos e às emoções envolvidos durante a pandemia, reconhecendo que o *medo*, mecanismo biologicamente natural ao ser vivo, ao se tornar crônico ou desproporcional, assume um potencial de desenvolvimento ou agravamento de sintomas psicológicos e psiquiátricos, especialmente no caso do segmento populacional idoso.

A pandemia implicou em uma descontinuidade nos arranjos familiares, devido à paralisação de diferentes atividades e, conseqüentemente das rotinas estabelecidas, queda no nível de renda, geradores de inseguranças, agravando os sentimentos negativos de desamparo, abandono e solidão, dados confirmados por diferentes estudos internacionais que classificam estes impactos psicológicos como de moderados a graves.

Pesquisas demonstram que, durante grandes surtos de doenças transmissíveis, a disseminação e o número de mortes estão associados ao medo e à tristeza, sendo que medidas de restrições sociais, apesar de estarem implicadas na redução da morbimortalidade relacionada à pandemia, levam ao isolamento, ao desemprego ou subemprego e aumentam a possibilidade de problemas de saúde mental (AMSALEM; DIXON; NERIA, 2021; BERKOWITZ; BASU, 2020). Considerando-se, além disso, que não se trata de um evento que esteja por acabar e que estamos ainda dentro dessa catástrofe, em função das variantes do vírus, torna-se complicado fazer previsões neste momento (DI CESARE, 2020b).

Estudos indicam que, em grandes pandemias, observa-se que, muitas vezes, o maior dano não é o relativo a doenças e mortes pelo vírus, mas ao impacto na saúde mental e na qualidade de vida com efeitos de longa duração, pois se mostram associados aos danos psicossociais e econômicos ligados a elas. Segundo Di Cesare (2020c), a epidemia é de afetação psíquica, com proporções imponderáveis e acarreta mudanças existenciais, dado que está mudando a vida de cada uma das pessoas. Segundo a autora, não se trata apenas de um evento histórico, que marca um antes e um depois na história, sendo também um choque coletivo que afeta nossos corpos e mentes, um choque viral que pode ser devastador se não for enfrentado com solidariedade.

Já afirmava Goldfarb (2007, n.p.) que nesta fase da vida, a não realização de planejamentos, sonhos e expectativas ficam frustrados, sem perspectiva de retomada. Os mais velhos têm a sensação de que “o tempo acabou” — o fim das esperanças, o sofrimento que impacta a subjetividade e a saúde mental, derivadas dessas “catástrofes sociais”. Afirma ainda que “não havendo promessas de futuro, perde-se o sentido da vida, e não haveria mais motivos para

lutar”. Di Cesare (2020c, p. 1) também mostra como “o pânico inicial [...] foi substituído por um sentimento de tristeza, de assombrada e amarga resignação”.

Segundo Lima *et al.* (2020, p. 7), a Covid-19 trouxe repercussões psicológicas e emocionais para todos os segmentos, em especial aos mais idosos, como: “receio em adoecer, ficar desempregado, desamparado, ser estigmatizado socialmente caso venha a se infectar e, por fim, o medo de morrer”; daí a necessidade de medidas de apoio psicossocial, o que demanda uma preparação adequada quanto aos critérios de atuação. Di Cesare (2020c, p. 1) ratifica a questão do medo e do seu reforço pelo Estado:

Os medos absolutamente não são equivocados ou desmotivados. Todos temos muitos medos, especialmente neste período: adoecer, morrer, perder o emprego ou aquilo que se tem, ser condenados à precariedade. No entanto, o Estado não sabe como geri-los: portanto, ele reforça precisamente o medo para prometer uma segurança que não pode manter.

Estudo levado a cabo em Israel encontrou alto nível de sofrimento psíquico, redução significativa nas dimensões de participação e na qualidade de vida (psíquica, psicológica e social), principalmente em mulheres, adultos jovens e em desempregados (LIPSKAYA-VELIKOVSKY, 2021). Na China, logo após a tomada de medidas de contenção, no início da pandemia, houve o incremento de estresse pós-traumático, confusão e raiva, que persistiram, inclusive, por tempos após o encerramento do distanciamento (AMIEVA *et al.*, 2021). Romero e Silva (2021) destacam a alta proporção de idosos que continuam trabalhando no Brasil, principalmente mulheres de estratos sociais mais desfavorecidos em empregos informais, e como esta parcela foi impactada negativamente com perda de renda durante a pandemia, acarretando ansiedade e desesperança.

Di Cesare (2020c, p. 1) pergunta sobre o tempo estendido da pandemia:

Mas por quanto tempo? E com quais efeitos? Há outra emergência que não foi discutida até agora e que é a emergência psíquica. Como se fosse um tabu, um tópico a ser evitado, permaneceu à margem do debate público [...]. O problema, no entanto, não é apenas o corpo.

Ornell *et al.* (2020) explicitam que, recentemente, a Organização Mundial de Saúde e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (CDC) publicaram uma série de recomendações psicossociais e de saúde mental, de acordo com os dados longitudinais da OMS, indicando que os fatores psicológicos estão diretamente relacionados às principais causas de morbimortalidade no mundo. Este alerta indica a prioridade de se investir em pesquisas e ações estratégicas relativas à saúde mental, ante os surtos infecciosos em

todo o mundo e que, segundo os diferentes estudos citados neste trabalho, fazem parte do “desequilíbrio” socioambiental em curso, projetando novos embates homem-natureza.

Para o segmento populacional das pessoas idosas, o tema “resiliência” foi particularmente estudado, como resposta adaptativa a estas situações estressantes, ressaltando-se a diversidade de respostas e a subjetividade das vivências. A solidão e o distanciamento físico são destacados como tendo maior impacto na qualidade de vida destas pessoas, atuando a família como fator de proteção para as adversidades. Experiências passadas, tais como guerras, por exemplo, para os idosos europeus, são apontadas como facilitadoras para auxiliar a enfrentar situações trazidas pela pandemia (AMIEVA *et al.*, 2021; KOCJAN; KAVICIC; AVSEC, 2021).

Pode-se aqui destacar que o tema “resiliência”, frente aos desafios pandêmicos, deva ser ampliado em estudos extensivos, pois parece estar ligado a grupos de maior renda e escolaridade, entre outros, e amparados por três tipos de fatores: “individuais (autoestima positiva, autocontrole, autonomia, flexibilidade); fatores familiares (coesão, estabilidade, respeito mútuo, apoio e suporte) e fatores relacionados ao meio ambiente (disponibilidade de redes de apoio social que encorajam o indivíduo a lidar com as adversidades)” (PESCE *et al.*, 2005, p. 14).

Contudo, em comum, as pesquisas recentes trazem a importância do acesso a redes digitais, ao telefone, aos serviços remotos de saúde mental e a outros profissionais de saúde, propiciando um melhor enfrentamento das situações adversas, apesar do medo e das incertezas. O uso das mídias digitais também foi acessado no escopo desta pesquisa, utilizando-se, como antes explicitado, a amostragem denominada *Snowball*, ou bola de neve (VINUTO, 2014). Esta tem sido utilizada para o estudo de determinados grupos difíceis de serem acessados, e foi amplamente utilizada no período da pandemia causada pelo SARS-COV-2, por permitir o emprego das redes sociais online para realização de pesquisas com pessoas idosas.

4 Considerações finais

O artigo apresentou como objetivo discutir aspectos psicossociais apresentados pelos idosos durante a pandemia da Covid-19, no período de maio a junho de 2020. A fim de cumprir esse objetivo, fez-se a análise de dados reais extraídos de situações naturais de coleta, mas também se buscou ampliar as possibilidades da leitura desses dados qualitativos, na pesquisa sobre os

temas aqui envolvidos: Covid-19, Idosos, Saúde mental, assim como superar os modelos mais comuns na análise das palavras-chave que desvelam os sentimentos de um grupo de idosos brasileiros, aqui, em recorte temporal.

Como se pôde ver, os resultados deste estudo apontam que as significativas palavras em foco expressam sentimentos indicadores de um “estar frente a” uma experiência nunca vivida por esta geração de idosos — a pandemia da Covid-19. Nesse sentido, na soma das pesquisas em que as presentes análises quanti-qualitativas foram aplicadas, pôde-se observar as experiências de um tempo vivido como um momento histórico marcante da humanidade. Talvez o início de um mundo por vir.

Nessa perspectiva, as palavras em foco neste estudo decorrem de, e constroem, narrativas múltiplas, plurais, sobre as reais experiências pandêmicas vividas pelos sujeitos. Desse modo, na sua análise e refinamento, reiteram-se como “palavras expressivas”, permitidas, porém, para uma saliente emergência, do trabalho de análise proposto neste estudo: o de um “artesanato intelectual” que escapa de muitas das regras e normas vigentes na maior parte dos trabalhos acadêmicos.

A surpresa de um “novo” se deu ao se detectarem “os sentidos” expressivos dessas palavras enunciadas como fruto de experiências pessoais e grupais: foi quando se pôde perceber que o caráter heterogêneo das experiências e dizeres pandêmicos configura-se como de mera aparência, pois, à subjacência dessa heterogeneidade, faz-se ver algo em comum, constante, intermitente, levando em conta vivenciarmos — como pesquisadores e narradores, para além de um momento histórico que marca um antes e um depois na história — um choque coletivo que nos afeta sobremaneira mente e subjetividade. Nós o compartilhamos esse algo em comum, que são os sentimentos de medo, apreensão, angústia, tristeza, ansiedade, dentre outros, formadores de um “estar humano” ante o desconhecido, este ao qual resistimos, mas que nos escapa, a todos, passando para além de nós.

As pessoas idosas, que fizeram parte do recorte desta pesquisa como informantes, fizeram-nos dar conta, nas suas respostas abertas, que embora de nível educacional e social diferenciado, os “privilégios” de que elas dispõem não as preservam, não as diferenciam, quanto a vivenciar, desde março de 2020, a mesma realidade angustiante da maior parte da população do país, e talvez do mundo, atestando o sofrimento de uma condição existencial regida pelos sentimentos negativos apontados nesta investigação, como o medo diante do desconhecido, do imponderável, que faz desencadear inúmeros outros sentimentos. Um acúmulo de sentimentos negativos também foi observado

em segmentos populacionais mais fragilizados, conforme apontaram vários autores antes referidos.

Para concluir, um último ponto sobre o possível desenvolvimento de novas pesquisas a partir desta: que se reflita sobre o fato de que, na realidade brasileira, existe historicamente um elevado grau de desigualdades tanto sócio sanitárias e em níveis educacionais, quanto na distribuição de renda, o que leva um amplo número de pessoas a ficarem desprovidas dos mínimos necessários, conseqüentemente afetadas ao longo de sua vida, e especialmente na velhice. Outros estudos serão fundamentais para completar o quadro real das múltiplas velhices no Brasil, tão diverso e desigual em todas as áreas, principalmente agora que tantos idosos estão afetados pela Covid-19, pois sua recuperação será mais lenta, acarretando, o que é quase que inevitável, danos psicossociais, além dos físicos, ainda mais severos, exigindo tratamentos onerosos e prolongados. Trabalhos futuros nessa linha, com uma população mais abrangente, poderão fornecer uma visão mais ampla dos impactos sobre a saúde física e mental dos idosos da população brasileira, as sequelas deixadas por longos períodos de internação hospitalar e que necessitam ser tratadas em residência por longo tempo, entre outras conseqüências desta pandemia que se alonga, mesmo com as vacinas. Trabalhos futuros, inclusive para a orientação de pessoal de apoio à área médica reunidos em equipes multidisciplinares, precisarão ser realizados no sentido de documentar tais danos psicossociais aos idosos, para o seu devido enfrentamento, envolvendo redes sociais (vizinhos e amigos), assim como o apoio das políticas públicas.

COVID-19 AND THE IMPACTS OF PHYSICAL DISTANCE: FEARS AND OTHER FEELINGS IN THE WORDS OF ELDERLY

abstract

Objective: To discuss the psychosocial aspects presented by the elderly during the Covid-19 pandemic, in the period related to data collection carried out from May to June 2020, focusing on the issue of fear as a feeling, experiences, articulations, resonances. Despite the hopeful start of 2021 and the rapid development of vaccines, new variants of the virus with greater transmission capacity/speed, cases of reinfection and accelerated increase in infections and deaths emerged. Method: A cross-sectional study was carried out with a non-probabilistic sample, for convenience, which had as informants, here in Brazil, elderly belonging to the contact network of entities

linked to the Aging Study and Research Center at PUC-SP/Brazil, the NEPE; aged 65+ years, answering 417 questionnaires. Results and Discussion: The psychogerontological perspective adopted here proposed a reflection on the psychological aspects of aging, considering: the new subjective organizations of an aging being; the main pathologies that affect your health; the social image of the elderly; the culture that determines it, and the laws that regulate its performance and protect or attack its citizenship rights — a wide range of bio-socio-psycho-political and cultural factors that contribute to the historical construction of the subjectivity of that aging being. A differential of this research was the level of education of the sample: 86.1% with a university degree or more; 13.4%, incomplete higher education; 86%, middle class; 11%, high, indicating the benefits of material comfort, education, and access to technological resources, evidenced in this serious socio-sanitary crisis, in which feelings of fear and correlates configure a “human being” in the face of the unknown. Conclusions: It was anticipated, in the case of elderly people who are more fragile in health, without bonds, or in insufficient material conditions, that the recovery of Covid-19 will be slower, causing them more severe psychosocial damage, which will require further investigations.

key words

Psychosocial Aspects. Fear and Related. Pandemic.

referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.
- ABÉLÈS, Marc. Antropologia política em uma sociedade em tensão. *AOC Journal*, França, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://aoc.media/analyse/2020/02/13/anthropologie-politique-dans-une-societe-en-tension/>. Acesso em: 28 maio 2021.
- AMIEVA, Helene *et al.* Older people facing the crisis of COVID-19: between fragility and resilience. *J Frailty Aging*, Switzerland, v. 10, n. 2, p. 184-186, 2021.
- AMSALEM, Doron; DIXON, Lisa B.; NERIA, Yuval. Surto de doença coronavírus 2019 (COVID-19) e saúde mental: riscos atuais e ações recomendadas. *JAMA Psychiatry*, United States, 2021, v. 78, n. 1, p. 9-10.
- ARGOUD, Dominique; PUJALON, Bernadette. *La parole des vieux: enjeux, analyse, pratiques*. Paris: Dunod; Fondation de France, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

- BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Tradução: Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BERKOWITZ, Seth A.; BASU, Sanjay. Seguro-desemprego, necessidades sociais relacionadas à saúde, acesso à assistência médica e saúde mental durante a pandemia de COVID-19. *JAMA Intern Med*, United States, v. 181, n. 5, p. 699-702, 2020.
- BISPO, Nuno de Noronha da Costa *et al.* Mudanças na vida quotidiana em pessoas idosas institucionalizadas pelo impacto da doença. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, Portugal, v. 6, n. 1, p. 64-80, 2020.
- BRANDÃO, Vera Maria Tordinio. Desafios da formação interdisciplinar. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 12, n. 5, p. 88-99, 2009.
- COSTA, Felipe de Almeida *et al.* COVID-19: seus impactos clínicos e psicológicos na população idosa. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 49811-49824, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13704/11475>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há um mundo por vir? Ensaios sobre o medo e os fins*. 2. ed. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2017.
- DI CESARE, Donatella. Cacciari e Agamben numa ladeira desastrosa. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 17 jul. 2020a. Tradução: Moisés Sbardelotto. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/615128-cacciari-e-agamben-numa-ladeira-desastrosa-artigo-de-donatella-di-cesare>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- DI CESARE, Donatella. O vírus freou a asfixia capitalista – entrevista com Donatella Di Cesare. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 17 jul. 2020b. Tradução: Moisés Sbardelotto. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/601065-o-virus-freou-a-asfixia-capitalista-entrevista-com-donatella-di-cesare>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- DI CESARE, Donatella. O risco agora é a pandemia da mente. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 17 jul. 2020c. Tradução: Moisés Sbardelotto. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597601-o-risco-agora-e-a-pandemia-da-mente>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- GOLDFARB, Délia Maria Catullo. Dimensión psicosocial del sufrimiento psíquico: desamparo, depresión y demencia. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE PSICOGERONTOLOGÍA, 2.; CONGRESO URUGUAYO DE PSICOGERONTOLOGÍA, 1., 2007, Montevideo. Envejecimiento, memoria colectiva y construcción de futuro. *Anais [...]*. Montevideo: Tiempo, el portal de la psicogerontología, 2007. p. 29-35.
- HANDCOCK, Mark S.; GILE, Krista J. On the concept of Snowball Sampling. *Sociological Methodology*, United States, v. 41, n. 1, p. 367-371, 2011.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOCJAN, Gaja Zager; KAVACČIČ, Tina; AVESC, Andreja. Resilience matters: explaining the association between personality and psychological functioning during the COVID-19 pandemic. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, Espanha, v. 21, n. 1, p. 100198, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33363581/>. Acesso em: 23 maio 2021.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LATOUR, Bruno. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. Tradução: Déborah Danowski. AOC, França, 2020. Disponível em: https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2020/04/Latour_P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS.pdf. Acesso em: 2 fev. 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Rio de Janeiro: Companhia Ed. Nacional, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Aula inaugural. In: ZALUAR, Alba (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 211-244.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Sonia Oliveira et al. Impactos no comportamento e na saúde mental de grupos vulneráveis em época de enfrentamento da infecção COVID-19: revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, São Paulo, n. 46, e4006, 2020.

LIPSKAYA-VELIKOVSKY, Lena. COVID-19 – isolation in healthy population in Israel: challenges in daily life, mental health, resilience, and quality of life. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, [s.l.], v. 18, p. 999, 2021.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa et al. Pandemia COVID-19: perfil de um grupo de pessoas idosas brasileiras participantes de uma pesquisa abrangendo América Latina e Caribe. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 23, n. 28, p. 309-331, 2020a.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa et al. O Brasil na pandemia da Covid-19: sentimentos, dificuldades e aprendizados de um grupo de pessoas idosas brasileiras. In: MONTEIRO, Maria (org.). *Experiencias psicosociales durante la cuarentena por Covid-19 en personas mayores de 8 países latinoamericanos: estudio psicogerontológico*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2020b.

MANSO, Maria Elisa González et al. Covid-19 Brasil: expectativas y reflexiones de adultos mayores sobre el fin de la pandemia. *Psicología(s)*, Puerto Rico, v. 4, p. 92-112, 2020.

MANSO, Maria Elisa González; GÓES, Leonardo Garcia; CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. Idosos e doenças crônico-degenerativas: por que eu, e por que agora? *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 379-393, 2019.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOELLER, Gerda. *Amar e brincar*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MELLO, Isabella Gonzalez Raposo et al. Ageísmo: inter-relação com resiliência e variáveis relacionadas à capacidade funcional em um grupo de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 433-453, 2020.

MENDES, Jaqueline. Ômicron volta a isolar o mundo. *IstoÉ*, São Paulo, dez. 2021. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/%C3%B4micron-volta-a-isolar-o-mundo/ar-AAS2EMQ?ocid=winp1taskbar>. Acesso em: 21 dez. 2021.

MENDES, Luiz Augusto Soares. Medo, pobreza e a vida desigual na cidade em todos os tempos. In: COUTO, Aiala Colares; MENDES, Luiz Augusto (org.). *Reflexões Geográficas em Tempos de Pandemia*. Ananindeua: Editora Itacaiúnas, 2020. p. 80-90.

MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Saúde atualiza dados epidemiológicos da Covid-19 no Brasil*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/saude-atualiza-dados-epidemiologicos-da-covid-19-no-brasil>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MORIN, Edgar. *O paradigma perdido – a natureza humana*. Portugal: Europa-América, 1973.

MORIN, Edgar. Um festival de incerteza. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 9 jun. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>. Acesso em: 3 mar. 2021.

O GLOBO. *CoronaVac é efetiva contra a variante brasileira P1, indica estudo em Manaus*. O Globo, Rio de Janeiro, 7 abr. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/coronavac-efetiva-contra-variante-brasileira-p1-indica-estudo-em-manaus-1-24959159>. Acesso em: 7 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Prevenção de doenças crônicas um investimento vital*. Suíça: OMS, 2005. Disponível em: https://www.who.int/chp/chronic_disease_report/part1_port.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) 2020a). *OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus*. Suíça: OMS, 2020a. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 4 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (OMS). *OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia*. Suíça: OMS, 2020b. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 4 maio 2021.

ORNELL, Felipe; SCHUCH, Jaqueline Bohrer; SORDI, Anne Orgler; KESSLER, Felix Henrique Paim. *Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias*. *Revista Debates em Psiquiatria*, Rio de Janeiro, editorial, p. 1-7, 2020. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/pandemia-de-medo-e-covid-19-impacto-na-saude-mental-e-possiveis-estrategias>. Acesso em: 6 maio 2021.

FRANCISCO. *Carta Encíclica "Laudato si'": sobre o cuidado da casa comum*. Porto Alegre: Paulinas, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 3 abr. 2022.

PESCE, Renata; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; SANTOS, Nilton C.; MALAQUIAS, Juaci V.; CARVALHAES, Raquel. *Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência*. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 436- 448, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU; FFLCH, 1983.

RAPOPORT, Danielle. *Envelhecimento em tempos de Covid*. *Journal La Croix*, França, 9 maio 2020. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Debats/Forum-et-debats/Vieillir-temps-Covid-2020-05-09-1201093385>. Acesso em: 23 fev. 2021.

REDE EUROPEIA ANTI-POBREZA (EAPN) Portugal; IRMÃS HOSPITALEIRAS. *Conclusões do webinar "A saúde mental e a pobreza: que ligação?"*. Portugal: EAPN, 2021. Disponível em: <https://www.eapn.pt/documento/705/conclusoes-do-webinar-a-saude-mental-e-a-pobreza-que-ligacao>. Acesso em: 3 jun. 2021.

RELATÓRIO OPEN CAGES, British Pandemic. *The Cruelty and Danger of Supermarket Chicken*. (2020). *In: Os vírus da influenza aviária, mais frequentes do que nunca, e o risco de uma nova pandemia*. Disponível em: <https://www.afisapr.org.br/noticias/2020-os-v%C3%ADrus-da-influenza-avi%C3%A1ria,-mais-frequentes-do-que-nunca,-e-o-risco-de-uma-nova-pandemia>. Acesso em 14 jun. 2021.

ROMERO, Dalia Elena; SILVA, Danilo Rodrigues Pereira. *Idosos no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil: efeitos na condição de saúde, renda e trabalho*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, 2021.

TAVARES, Luana Marcia Baptista; BARBOSA, Fernando Cordeiro. *Reflexões sobre a emoção do medo e as implicações nas ações de defesa civil*. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 17-34, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n4/a02v17n4.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PINHEIRO, Chloé. Variantes do coronavírus: que são e como se comportam. *Veja Saúde*, São Paulo, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/variantes-do-coronavirus-quem-sao-e-como-se-comportam/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

VINUTO, Juliana. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, 2014, p. 203-220. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 15 set. 2020.

WALLACE, Rob. As vacinas podem ajudar, mas é preciso intervir para que a covid-19 não seja seguida pela covid-20, covid-21, etc. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 17 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604703-as-vacinas-podem-ajudar-mas-e-preciso-intervir-para-que-a-covid-19-nao-seja-seguida-pela-covid-20-covid-21-etc-entrevista-com-rob-wallace>. Acesso em: 21 maio 2021.

Data de Submissão: 12/10/2021

Data de Aprovação: 24/12/2021

